



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**AS NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DA ANGÚSTIA E SUAS RELAÇÕES
COM O DISCURSO NEOLIBERAL**

JOÃO PESSOA
DEZEMBRO DE 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CYNTHIA MARÍLIA SILVA SOUSA

**AS NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DA ANGÚSTIA E SUAS RELAÇÕES
COM O DISCURSO NEOLIBERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso da
graduação em Psicologia na
Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção do título de
psicólogo, sob orientação das professoras
Cleide Pereira Monteiro e Elisângela
Ferreira Barreto.

JOÃO PESSOA
DEZEMBRO DE 2021

CYNTHIA MARÍLIA SILVA SOUSA

AS NOVAS FORMAS DE ENFRENTAMENTO DA ANGÚSTIA E SUAS RELAÇÕES
COM O DISCURSO NEOLIBERAL

Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Psicologia na Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de psicólogo, sob orientação das professoras Cleide Pereira Monteiro e Elisângela Ferreira Barreto

BANCA EXAMINADORA

Cleide Pereira Monteiro - Orientadora

Elisângela Ferreira Barreto – Examinadora Externa à Instituição

Anderson Barbosa de Araújo – Examinador Externo à Instituição

JOÃO PESSOA
DEZEMBRO DE 2021

AGRADECIMENTOS

Luciana, minha mãe. Agradeço por sua paciência, generosidade e apoio incondicional.

Meu padrasto, Kleber. Por estar sempre torcendo por mim, ao lado de minha mãe.

Minhas professoras e orientadoras, Cleide e Elisângela. Muito obrigada por terem me apresentado à psicanálise e por continuarem me acompanhando em meus primeiros passos neste campo.

Ao projeto de extensão Aimée, da Universidade Federal da Paraíba, onde tive o prazer de aprender tanto sobre a prática clínica. Muito obrigada por proporcionar um espaço de produção de conhecimento na universidade e pelo serviço prestado à comunidade.

A meu analista, Chicão, pelas provocações.

Ao meu grupo de amigos e colegas de estudos, desabafos e risadas, Tóchicas & Tetânicas: Anderson, Lucas, Jessyca, Severino e Tiago, este trabalho também é de vocês. Obrigada pelas referências, pelas discussões teóricas e por me dar a oportunidade de agradecer, em meu TCC, a um grupo chamado Tóchicas & Tetânicas.

Giselle e Taciana, minhas amigas e colegas de turma. Obrigada por sua amizade, pelo apoio, pelos momentos hilários e por tudo que aprendemos juntas.

Patrícia, agradeço a você por sua amizade e por todas as conversas transformadoras que tivemos.

Wilson, continuo encantada por seu companheirismo. Muito obrigada por sua ajuda, seu cuidado e pelo seu jeito de ser. Eu te amo.

Muito obrigada à Universidade Federal da Paraíba, por ter sido um espaço de estudo, debates, movimentação política e tantas outras vivências que me moveram.

RESUMO

O neoliberalismo, além de um sistema econômico, é uma ideologia que permeia todas as esferas da vida dos indivíduos, impulsionando-os ao consumo e à produção constante. Com isso, destaca-se também o papel do neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. A angústia é um afeto que constitui o sujeito, sinal da falta de um significante que possa simbolizar a falta do Outro. Diante de um contexto onde o neoliberalismo avança impulsionando cada vez mais ao consumo desenfreado de objetos com a promessa de completude, é necessário refletir sobre o papel da psicanálise como discurso capaz de subverter esta lógica, localizando o sujeito no indivíduo empresarial, e o desejo como saída do curto circuito do discurso capitalista de consumo e produção de mais-de-gozar. O objetivo do presente trabalho é analisar como o neoliberalismo afeta os sujeitos, implicando em novos sintomas como enfrentamento da angústia associada à constante produção de mais-de-gozar característica da contemporaneidade, que aniquila o desejo e lança o sujeito à angústia do sem-sentido da vida. Propõe-se retomar o estudo da angústia desde Freud, compreender as contribuições de Lacan em meio ao contexto de um neoliberalismo ainda em ascensão nos anos 70 e pensar sobre as implicações da psicanálise e do discurso do analista enquanto catalisadores do desejo, na contramão da tendência capitalista neoliberal à promessa vazia de completude.

Palavras-chave: Psicanálise; Angústia; Neoliberalismo;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. ANGÚSTIA EM FREUD.....	8
2.1. Angústia como Objeto de Uma Representação.....	8
2.2. Angústia como Afeto Anterior a Uma Representação.....	10
3. ANGÚSTIA EM LACAN.....	12
3.1. A Angústia Não É Sem Objeto.....	12
3.2. O Objeto <i>a</i> e os quatro discursos de Lacan.....	14
4. NEOLIBERALISMO, ANGÚSTIA E OS NOVOS SINTOMAS.....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

1. Introdução

A questão desenvolvida neste trabalho surge a partir de reflexões sobre a sociedade contemporânea, marcada pelo individualismo, consumismo e glorificação da exploração do trabalho (visível em discursos sobre empreendedorismo e produtividade), sua relação com a política neoliberal, atualmente predominante em todo o mundo, e o papel desta na produção do sofrimento contemporâneo. Outra questão que emerge a partir destas ponderações é que lugar a psicanálise ocupa entre as diversas propostas de tratamento possível a este sofrimento.

A angústia é o afeto específico escolhido como objeto de investigação por sua natureza universal, de afeto inerente à existência humana, e por sua relevância entre as principais patologias da contemporaneidade, sendo descrita nos manuais de psiquiatria como parte do Transtorno do Pânico e de transtornos de ansiedade. De forma semelhante, o neoliberalismo foi escolhido como objeto para discussão da política do sofrimento psíquico por ser a ideologia hegemônica atual, sendo indissociável do capitalismo contemporâneo.

O neoliberalismo é um modelo socioeconômico fundado nos anos 1930, caracterizado pela defesa da propriedade privada e da livre concorrência do mercado sob a proteção do Estado. Além disso, é também uma ideologia que visa a produção do *homem empresarial*, um sujeito individualista e empreendedor, sempre em busca do auto aperfeiçoamento com o objetivo de participar ativamente no mercado competitivo de produção para lucrar, consumir e então encontrar novas oportunidades de lucro (Dardot & Laval, 2016). Assim, desde sua fundação, o neoliberalismo propõe ir além das mudanças políticas e econômicas para transformar também subjetividades.

É notável que a partir dos anos 1970, com a ascensão do neoliberalismo, a psiquiatria transformou profundamente a categorização das psicopatologias, desde então abordando o sofrimento psíquico como conjuntos de sintomas observáveis, que devem então ser identificados e eliminados para que o indivíduo adoecido volte a participar da sociedade. (Safatle et al, 2020). Esta nova forma de investigar e tratar a saúde mental está em consonância com os valores do neoliberalismo, de forma que o adoecimento psíquico é tratado como um empecilho à produtividade e a cura implica necessariamente em uma adaptação ao mercado.

Diante destas questões, o presente trabalho visa investigar a temática da angústia e sua relação com o discurso neoliberal, questionando o que os sujeitos estão fazendo com sua angústia em uma sociedade que busca, cada vez mais, suprimir o sofrimento psíquico para que não se perturbe a frágil ordem do mercado. Além disso, busca compreender o que a psicanálise tem a acrescentar para a discussão e sua possibilidade de subversão deste discurso. Para tanto, inicia-se a discussão a partir da teoria da angústia em Freud para, em seguida, buscar as contribuições de Lacan para a temática a partir do conceito do objeto *a* e da teoria dos discursos. Por fim, são apresentadas algumas reflexões sobre o neoliberalismo e sua produção de angústia e de novos sintomas na contemporaneidade.

2. Angústia em Freud

2.1. Angústia como objeto de uma representação

A angústia é um dos conceitos mais importantes da psicanálise, sendo considerada por Freud o “ponto nodal para o qual convergem as mais diversas e importantes questões” (Freud, 1996c, p.101), sendo portanto seu estudo fundamental para a compreensão da vida

psíquica como um todo. Entretanto, talvez justamente por sua importância, a angústia também é um dos temas mais difíceis, não por falta de observação e estudos - já que é um fenômeno comum e conhecido - mas por sua própria natureza indeterminada (Freud, 1996e).

No início de seus estudos sobre a angústia Freud enfatiza o corpo, lugar onde o afeto se manifesta, mas desde sempre reconhece a dialética entre corpo e psiquismo em suas observações sobre a Libido. Este é um conceito econômico, com uma face quantitativa e outra qualitativa; a primeira se trata do “quantum energético” que habita o corpo e pode diminuir ou aumentar até ser descarregado ou tornar-se insuportável para o sujeito. Na psique a libido toma sua forma qualitativa, onde se liga a representações psíquicas causadoras de prazer ou desprazer (Rocha, 2000). A angústia surge quando a libido ultrapassa o limiar do suportável pelo corpo e não pode ser descarregada por não ter se ligado a qualquer representação na psique. Assim, o corpo em Freud não é apenas biológico; desde sempre é corpo erógeno, afetado pela libido, e a angústia está relacionada ao princípio do prazer.

“Se o corpo humano se restringisse apenas à sua dimensão biológica, o homem, como os demais animais, *teria* apenas um corpo. Mas *o homem não tem apenas um corpo, ele é seu próprio corpo*. (...) Como corpo, o sujeito humano vai se estruturando em formas expressivas diversas que traduzem os vários aspectos de sua *presença exteriorizada no mundo* e, ao mesmo tempo, ele dá, a essas formas expressivas, a dimensão de um sinal na relação intersubjetiva com os outros homens. Exatamente por causa disso, o sujeito não se esgota na corporalidade e à estrutura do corpo acrescenta-se a estrutura do *psiquismo*.” (Rocha, 2000, p.20)

Com isso, Freud decide reunir diversos casos onde a angústia aparece associada à sexualidade; pessoas virgens, voluntariamente ou involuntariamente abstinentes, sexualmente insatisfeitas, que se esforçam além de sua capacidade física para o coito ou que se absterm ocasionalmente. Observando que o ponto comum entre todos é a abstinência ou insatisfação, classifica a neurose de angústia como neurose de represamento, ao lado da histeria, pois as duas são consequência de um acúmulo de tensão física, de ordem sexual, não liberada.

(Freud, 1996a). Assim, o que diferencia estas duas neuroses é o destino da tensão: na histeria, ela é simbolizada e transformada em tensão psíquica, que retorna ao corpo na forma de sintomas físicos. Na neurose de angústia, a tensão não é simbolizada e permanece no corpo, manifestando-se diretamente na forma de angústia.

Com isso, Freud atribui grande importância ao recalque em seus estudos sobre a angústia. O recalque é um processo relacionado ao princípio do prazer, que é a “modificação de uma realidade primária, uma inércia, que equivale para Freud ao prazer absoluto, ou seja, à ausência de estimulação” (Pisetta, 2008, p. 408). Assim, o princípio do prazer é uma forma de controle de estímulos, e o recalque é produto de uma tentativa do Ego de evitar a entrada de um estímulo insuportável, desagradável para o indivíduo. Neste momento, Freud compreende a angústia como um afeto produto do recalque, a partir do qual é desvinculado de sua representação original e pode ligar-se a outras representações que tenham alguma proximidade lógica com a recalcada (Freud 1996c).

2.2. Angústia como afeto anterior a uma representação

Em sua segunda tópica, Freud reformula sua teoria da angústia a partir do complexo de castração. Em seu texto Inibição, sintoma e angústia traz elementos importantes para pensarmos esta torção, fazendo da angústia um afeto anterior à representação. Ao discorrer sobre inibição e sintoma, diz que na primeira o ego restringe uma de suas funções e na segunda, o ego forma um compromisso entre as instâncias do sistema inconsciente (id, ego, superego) para satisfazer uma pulsão (Freud, 1996c). Estes dois processos, inibição e sintoma, tem uma finalidade em comum: A evitação da angústia.

Freud deixa de ver a angústia como uma transformação da libido recalcada e passa a considerá-la um elemento estruturante do existir humano, atribuindo-lhe uma função defensiva diante dos perigos que ameaçam a existência (Rocha, 2000). Observa-se que esta mudança na teoria da angústia está relacionada às reflexões de Freud sobre o corpo e sua relação com o inconsciente.

Para compreender o que está em jogo na angústia, Freud revisita o caso de fobia do menino Hans, interpretando que o medo de cavalos que causava sofrimento na criança era uma defesa inconsciente contra a ambivalência que sentia pelo pai e contra a possibilidade de ser castrado por ele. Este perigo é experimentado como real e iminente pelo Eu que é então afetado pela angústia, mobilizando o recalque como resposta. É importante notar que, além de real, o perigo é sentido pelo eu como interno. Assim, o objeto temido pelo fóbico é construído a partir da projeção, mecanismo que transforma uma representação interna angustiante em um objeto de medo, que por ser externo pode ser evitado (Pisetta, 2008). Assim como a fobia, o sintoma também se constitui a partir da evitação de um objeto causador de angústia, cuja representação original é recalcada e substituída por outra, assim permitindo que o neurótico mantenha distância da situação de perigo (Freud, 1996d). Em ambos os casos, observa-se que a angústia está relacionada a uma clivagem do sujeito, onde algo que lhe é interno é experimentado como externo.

Em seus estudos sobre a angústia, Freud (1996b) passou a dar mais ênfase à angústia enquanto afeto fundamental para a compreensão da formação dos sintomas, deixando de lado as investigações sobre o estado de expectativa angustiada. Dessa forma, ficou aberta uma possibilidade de estudo da angústia em relação ao excesso de excitação somática sem mediação simbólica, onde é possível pensar o afeto enquanto base comum entre todas as

estruturas, e portanto constituinte do sujeito (Bênia et al., 2016). Este aspecto da angústia foi retomado por Jacques Lacan, conforme veremos o tópico seguinte.

3. A angústia em Lacan

3.1. A angústia não é sem objeto

Lacan apresenta o conceito de angústia problematizando sua relação com o desejo e a imagem especular. Em seu Seminário X (2005), ele formaliza o conceito do objeto causa de desejo, também chamado de objeto *a*, uma de suas mais importantes contribuições à teoria da psicanálise. Este objeto tem direta relação com a angústia e tem um papel fundamental na constituição do sujeito, uma vez que a divisão subjetiva ocorre a partir do encontro com o Outro da linguagem. Nesta operação, o sujeito se depara com uma falta do Outro, um objeto que aparece como dejetivo, resto da operação do desejo e para sempre perdido mas que move o sujeito em sua busca, o objeto *a*.

Dessa forma, a angústia é um sinal da relação do sujeito com o objeto *a*, sendo portanto um afeto que *não é sem objeto*. Isso porque o objeto *a* é distinto dos objetos comuns, sendo um lugar de causa do desejo ou também aquilo que resta da operação do sujeito com os objetos de desejo. Uma vez que o neurótico faz da demanda o seu objeto, a angústia eclode a partir de uma resposta a esta demanda, que obtura o vazio. Assim, a angústia é a expressão de uma falta da *falta* (Lacan, 2005).

Lacan concorda com Freud ao dizer que a angústia é um excesso que aparece no corpo, um afeto que é da ordem do real, que não se submete ao simbólico e por isso não pode ser recalado. Diante disso, a angústia permanece à deriva, sendo impossível dizer algo dela através da linguagem (Bênia et al., 2016). A angústia, portanto, é um afeto que não pode ser

inteiramente simbolizado, abarcado pela linguagem, sendo assim um “afeto que não engana” (Lacan, 2005, p. 88), uma certeza não significada pela linguagem.

Sendo assim, o sujeito pode dar tratamento a este real que invade o corpo a partir de suas invenções singulares e com a própria linguagem que, apesar de não traduzir, pode fazer algum contorno. A descoberta freudiana de que a palavra cura vem dessa possibilidade de se dizer algo do encontro com o real, permanecendo sempre dessa operação algo que não entra na dialética simbólica da linguagem, em lugar de dejetos: o objeto *a*. Isso porque apesar de seu nome, o objeto *a* é um lugar de causa e não pode ser determinado. De fato, a presença do objeto *a* é insuportável para o sujeito e a angústia é justamente o sinal da ameaça de sua presença. Com isso, Lacan (2005) enfatiza que este lugar de causa deve ser preservado, pois ao preencher este lugar com um objeto qualquer, a dimensão do desejo é perdida e resta a angústia, pois uma vez completo o sujeito se depara, sem defesas, com o real, o sem sentido inerente à vida.

“A angústia é o modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo. Quando por razões de resistência, de defesa e de outros mecanismos de anulação de objeto, o objeto desaparece, permanece o que dele pode restar, a direção para o seu lugar, lugar de onde ele, a partir de então, se ausenta. Quando atingimos esse ponto, a angústia é o último modo, o modo radical sob o qual o sujeito continua a sustentar, mesmo que de maneira insustentável, a relação com o desejo.” (Rinaldi, n.d.).

No contexto social, as ações singulares que cada sujeito exerce são abordadas a partir do discurso, que se trata de um semblante a partir do qual o sujeito se posiciona. Da mesma forma que o sujeito produz e transforma pelo discurso que veicula, também é transformado pelo discurso dominante em sua época e contexto. Por isso, para investigar a relação do sujeito contemporâneo com o desejo — logo, com a angústia —, é importante observar qual discurso é hegemônico na atualidade. É o que propõe o tópico a seguir.

3.2. O objeto *a* e os quatro discursos de Lacan

Lacan (1992) apresenta os quatro discursos enquanto liame social, um semblante através do qual o sujeito pode exercer uma posição subjetiva e fazer laço social. O próprio termo “discurso” é empregado para enfatizar que o laço social se dá a partir da fala que circula entre os sujeitos. As possibilidades de articulações discursivas são limitadas, portanto o sujeito é constrangido a engajar-se em uma forma de tomar a fala e assim enlaçar-se com outras posições discursivas: No discurso do mestre, o laço é entre mestre e escravo; no da histérica, entre mestre e sujeito dividido; no da universidade, entre sujeito e saber, e no discurso do analista, entre o próprio analista e o analisando (Silva, 2018). Assim, os quatro discursos demonstrados por Lacan são semelhantes na medida em que visam a si próprios, produzindo um resto (mais-de-gozar) cuja função é movimentar novamente o discurso.

Para organizar os discursos, Lacan utilizou matemas compostos por 4 termos principais: O sujeito, sempre dividido em relação ao seu desejo, representado pelo símbolo \$; o significante mestre, que está fora da cadeia de significantes mas nomeia e organiza o discurso do sujeito, representado por **S1**; o saber, que se articula com o significante mestre formando uma cadeia através da repetição, representado por **S2** e o objeto, gozo que resta da articulação entre os significantes, representado pela própria letra *a*. Cada elemento pode ocupar uma de quatro posições do discurso, que se alternam em sentido horário, e um quarto de giro: A posição de agente se refere ao elemento dominante do discurso; na segunda posição, à direita, está o que o sujeito põe a trabalho, cuja produção restante é representada abaixo, no lugar da produção. O lugar da verdade, abaixo do agente, se refere ao que está velado, mas também sustenta o discurso (Silva, 2018).

No primeiro discurso, o do Mestre, o significante mestre (S1) está no lugar de agente, provocando a produção de um saber (S2) que deixa um resíduo, *a*, representando aquilo que não pode ser simbolizado, e portanto é perdido. A verdade que subjaz a este discurso é o sujeito barrado (\$), que não tem acesso ao saber; é um mestre falho (Silva, 2018).

$$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a} \downarrow$$

Já no discurso da histórica, sujeito barrado é o agente que provoca o mestre à produção de um um saber sobre seu sintoma, que todavia sempre será insuficiente, como ilustrado pelo *a* no lugar da verdade (Silva, 2018).

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2} \downarrow$$

O discurso universitário tem o saber no lugar de agente, porém com o significante mestre no lugar da verdade. Também denominado discurso do mestre moderno, ele convoca o próprio objeto ao trabalho e produz o sujeito dividido pela incompletude do saber (Silva, 2018).

$$\frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\$} \downarrow$$

O discurso do analista apresenta o próprio *a* enquanto agente; o analista como semblante de objeto *a* provoca o sujeito dividido a questionar o mandato simbólico do

significante mestre. Neste discurso, o saber está no lugar da verdade, sendo portanto sempre um saber velado, semi-dito (Silva, 2018).

$$\begin{array}{ccc} \underline{a} & \rightarrow & \underline{\$} \\ S2 & & S1 \downarrow \end{array}$$

Além dos discursos do mestre, da histórica, universitário e do analista, Lacan elaborou um discurso a mais, ao qual chamou de discurso capitalista. Este discurso, inversamente aos anteriores, visa desfazer o laço social (Soler, 2011; Silva, 2018). O discurso do capitalista também é composto pelos elementos significante mestre, saber, *a* e sujeito, mas sua estrutura é diferente:

$$\begin{array}{ccc} \underline{\$} & \nearrow & \underline{S2} \\ S1 & \searrow & a \end{array}$$

“Nessa escrita do discurso capitalista, o importante é que entre os quatro termos, o sujeito, que ele escreve no alto à esquerda, no lugar do agente, a cadeia da linguagem, que ele escreve em diagonal embaixo à esquerda e no alto à direita, e depois no lugar do que é produzido, *a*, embaixo à direita, Lacan desenha uma flecha contínua, sem ruptura. (...) Temos, afinal, um circuito fechado, contínuo, sem ruptura, onde se pode afirmar que o sujeito é comandado pelos produtos.” (Soler, 2011, p. 59).

Observa-se que os primeiros quatro discursos citados anteriormente se referem a uma forma de laço social, o que se verifica através das parcerias: no discurso do mestre, a parceria mestre-escravo; no discurso da histórica, entre o sujeito e o mestre; no discurso universitário, entre os que possuem o saber e os que procuram serem formados pelo saber; no discurso do analista, o próprio analista como semblante de objeto *a* e o sujeito barrado (Soler, 2011). Já no discurso capitalista, não há parceria entre sujeitos, mas entre sujeito e objeto.

Assim, enquanto nos outros discursos existe um hiato, uma barreira entre o gozo esperado e o gozo possível, no discurso capitalista o impossível é suprimido e o sujeito tem acesso direto ao objeto *a* (Soler, 2011). Pode-se dizer, de outra forma, que no discurso capitalista o objeto produzido não só tem acesso direto como comanda o próprio sujeito a produzir, em uma promessa de gozo sem limites e sem relação com o outro. Este discurso é característico da contemporaneidade, permeada pelo neoliberalismo.

4. Neoliberalismo, angústia e os novos sintomas

Para além de uma ideologia e política econômica, o neoliberalismo pode ser compreendido como um sistema normativo que modificou profundamente o capitalismo, estendendo a lógica do capital a todas as esferas da vida e contribuindo para a produção do homem empresarial, um indivíduo preocupado em trabalhar a si mesmo, aprimorando-se continuamente para maximizar sua eficácia (Dardot e Laval, 2016). Com isso, destaca-se o papel do neoliberalismo como gestor do sofrimento psíquico, na medida em que suas intervenções na sociedade revelam seu papel na construção de uma nova forma de nomear e intervir no sofrimento, visando um bem estar suficiente para a produção e para o lucro (Safatle et al, 2020). Na contemporaneidade, como afirma Soler, a ideologia do lucro atualmente é idealizada:

“(...) De certa maneira, é surpreendente que hoje se ache legítimo que cada sujeito seja movido pelo gosto do lucro, da acumulação, e de se ver o quanto está orgulhoso disso. A combatividade, a rivalidade, o sucesso, a riqueza se tornaram ideais que estão fluentes no discurso comum cotidiano.” (Soler, 2011, p. 59-60).

Com isso, o indivíduo contemporâneo, nascido e educado em um contexto dominado pela política neoliberal, busca o lucro em todas as suas relações: a regra é maximizar o

desempenho em todas as esferas da vida, desde o trabalho até as relações pessoais, estudos e hobbies (Dardot e Laval, 2016). Ao refletir sobre o capitalismo, em suas leituras de Marx, Lacan reteu o conceito de "Mais-valia", que se refere à parte do trabalho realizado pelo proletário que não lhe é paga, sendo em vez disso transferida como lucro para o proprietário dos meios de produção, o capitalista. A partir dessa construção, Lacan observa que a mais-valia é um objeto causa de desejo do capitalismo e com isso, determinou a função de mais-de-gozar, algo que foi perdido na produção de gozo.

A partir disso, é possível traçar uma correlação entre o mercado dos produtos fabricados e o campo do Outro, que também possui seu “mercado” de objetos *a*. No campo do Outro, o sujeito é o que está representado por um significante diante de outro significante, em uma articulação que produz mais-de-gozar. No campo da produção capitalista, o sujeito é representado perante o valor de uso e esta articulação produz mais-valia (Soler, 2011). Um ponto fundamental para a reflexão acerca do discurso capitalista e, por consequência, do neoliberalismo, é que esta produção de mais-de-gozar visa uma completude do sujeito, ainda que se saiba, de forma velada, que ela não é possível.

Por tais motivos, o discurso capitalista neoliberal *vende* para o sujeito uma possibilidade vazia de completude através da produção e consumo de seus objetos, lançando os sujeitos a um ciclo infinito de produção de mais-de-gozar e tentativas, sempre falhas, de tamponar a falta com os inúmeros objetos disponibilizados pelo capitalismo. Com isso, o sujeito do discurso capitalista é comandado pelo mais-de-gozar e é marcado pela perda, pelo vazio, pois “(...) a forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento.” (Safatle et, al, p.7). O sujeito contemporâneo sofre porque perde seu tempo, dinheiro, saúde e relações afetivas justamente porque gasta e desgasta todos

os seus recursos e forças para a produção e consumo de novos objetos que prometem devolver-lhe tudo o que foi perdido. Um efeito interessante desta dinâmica é a própria atitude dos sujeitos diante de seu sofrimento:

“Como sabemos, a generalização da forma-empresa no interior do corpo social abriu as portas para os indivíduos se autocompreenderem como “empresários de si mesmos” que definem a racionalidade de suas ações a partir da lógica de investimentos e retorno de “capitais”? e que compreendem seus afetos como objetos de um trabalho sobre si tendo em vista a produção de “inteligência emocional”? e otimização de suas competências afetivas” (Safatle et. al, 2016, p. 23).

Com esta nova compreensão acerca dos afetos, o sujeito contemporâneo se utiliza dos objetos oferecidos pelo mercado (psicofármacos, livros de autoajuda, terapias alternativas) para manter suas emoções *sob controle*, adquirindo a normalidade necessária para continuar produzindo e se aproximar, o máximo possível, da completude prometida pelo capitalismo. Salinas-Rosés (2011) aponta o narcisismo como um dos efeitos mais evidentes da ascensão do discurso capitalista, uma vez que:

“A oferta de ‘ser’ um sujeito sem falta trata de tamponar a condição do Eros freudiano, unido à promessa da ‘relação sexual’. Introduce-se assim o modelo de um mercado que explora a estrutura desejante para fazer crer que se pode conseguir o que falta a cada um: do registro do desejo se passa ao da necessidade, ao mesmo tempo que a eliminação de formas e vínculos de alteridade é cada vez mais generalizada.” (Salinas-Rosés, 2011, p.20)

Todavia, acreditar na possibilidade de não ter falta é exatamente o que leva o sujeito contemporâneo a se deparar com o vazio e a falta de sentido da vida; se o que dá sentido à vida é o desejo, então é necessário que se sustente a falta. Quanto mais se tenta obturar a falta, mais evidente ela se torna e há um ponto em que ela se torna insuportável. Na clínica,

este fenômeno pode ser observado nos sintomas contemporâneos, nas toxicomanias e na prevalência da angústia entre as queixas mais comuns (Salinas-Rosés, 2011; Soler, 2011).

5. Considerações Finais

O que fazer com os gozos dos diversos objetos? O discurso do analista, com o *a* no lugar de agente, implica uma subversão dos discursos do mestre e do capitalista, que produzem e extraem a mais-valia do mais-de-gozar (Salinas-Rosés, 2011). Assim, diante de sujeitos que demandam uma saúde mental como objeto de consumo, o papel da psicanálise e do analista é propor a movimentação discursiva, responder à demanda de cura e não de controle (Silva, 2018).

O objetivo deste trabalho foi demonstrar como a prevalência da angústia na clínica contemporânea sinaliza que a atual oferta de infinitos objetos *a* proposta pelo capitalismo está conduzindo os sujeitos a uma constante ausência da falta, sem contudo terem defesas contra este real. Se a angústia é o último recurso do sujeito para manter sua relação com o desejo (Rinaldi, n.d.), é possível concluir que o discurso capitalista neoliberal opera através de uma tentativa de aniquilamento do desejo, e ainda mais da singularidade com que cada sujeito é capaz de inventar formas de fazer algo com o desejo do Outro, uma vez que o consumo em massa depende da igualdade imaginária entre os indivíduos, de forma que todos almejam as mesmas coisas.

Este tema foi abordado desde o início dos estudos de Freud sobre o princípio do prazer, o recalque e o complexo de castração, passando também pelas contribuições de Lacan, especialmente o conceito de objeto *a* e a teoria dos discursos, que são especialmente relevantes para discutir a angústia na atual sociedade do consumo. Para além do consumo, a

angústia também foi abordada em relação ao neoliberalismo como política de gestão do sofrimento psíquico (Safatle et. al, 2020), de forma a salientar a relevância de uma análise crítica das dinâmicas de poder envolvidas na produção dos sujeitos neoliberais contemporâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bênia, R.G.M, Celes, L.A.M & Chatelard, D.S (2016). *O afeto “angústia” em Freud e em Lacan: discussões para a clínica psicanalítica atual*. Cad. Psicanál. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 38, n. 34, p. 47-59, jan./jun. 2016
- Castilho, P. T. (2007). *Uma discussão sobre a angústia em Jacques Lacan: Um contraponto com Freud*. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 19 - n.2, p. 325-335.
- Dardot, P., Laval, C. (2016). *A Nova Razão Do Mundo: Ensaio Sobre A Sociedade Neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Fingermann, D. (2016). *Pânico e Fobia: Enlace e Desenlace da Angústia*. Stylus, Rio de Janeiro, nº 32, p. 89-98.
- Fisher, M. (2020). *Realismo Capitalista: É Mais Fácil Imaginar o Fim do Mundo do que o Fim do Capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária. (Originalmente publicado em 2009)
- Freud, S. (1996a). *Rascunho E: Como se Origina a Angústia*. In J. Strachey (Ed.), Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 1, pp.141-146). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1895)
- _____. (1996b). *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 3)*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1893 – 1899)
- _____. (1996c). *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 16)*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1893 – 1899)
- _____. (1996d). *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 20)*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1893 – 1899)
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, Livro 17: O Averso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. (2005). *O Seminário, Livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pisetta, M. A. A. M. (2008). *Considerações sobre a Angústia em Freud*. Psicologia Ciência e Profissão, 2008, 28 (2), p. 404-417.
- Rinaldi, D. (n.d.). *O conceito de angústia em Lacan*. Intersecção Psicanalítica, recuperado em 03/12/2021 de http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_conceito_de_angustia_em_Lacan.pdf
- Salinas-Rosés, J. (2011). *A introdução da “pedra da loucura”*. Stylus, Rio de Janeiro, nº 22, p. 13-23.
- Safatle, V., Junior, N.S., Dunker, C. (2020). *Neoliberalismo Como Gestão do Sofrimento Psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica.

Silva, M. M. (2018). *O Discurso Universitário e a Clínica Contemporânea*. Cad. Psicanál. (CPRJ), Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 161-182, jan./jun. 2018.

Soler, C. (2011). *O Discurso Capitalista*. Stylus, Rio de Janeiro, nº 22, p. 55-65.

Rocha, Z. (2000). *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta.